

# Nós que amávamos tanto O capital

EMIR SADER, JOÃO QUARTIM DE MORAES, JOSÉ ARTHUR GIANNOTTI  
E ROBERTO SCHWARZ

*São Paulo: Boitempo, 2017. 80p.*

*Lidiane Soares Rodrigues\**

Os depoimentos de Emir Sader, João Quartim de Moraes, Roberto Schwarz e José Arthur Giannotti, publicados no livro *Nós que amávamos tanto O capital*, tratam de uma das primeiras experiências de auto-organização para ler Marx *em grupo* no Brasil. Situá-la no espectro de sutilezas das práticas textuais eruditas engrandece o interesse que suscitam.

Há pelo menos dois movimentos opostos movidos pelo amor ao texto de Marx. De um lado, uma extensa diversificação das leituras, marcadas por inflexões de diversas ordens – edições, traduções e interesses partidários, notadamente. De outro, uma inesgotável energia empenhada na volta ao texto original, depurado das distorções (imprimidas justamente pela diversificação de leituras que qualquer obra em circulação sofre, e pela qual todos trabalham). Quanto mais se difundiu a obra de Marx pelo mundo, mais se buscou a pureza da autoridade textual – e o estágio atual a que a Mega chegou afiança o que afirmo. Esses processos são marcados pela oposição entre os marxistas ocidentais/acadêmicos e os orientais/soviéticos. A história do marxismo é pontilhada tanto por decretos do fim dos últimos pelos primeiros e vice-versa, quanto pela inocuidade dessas categorias classificatórias. E, no entanto, elas permanecem orientando as tomadas de posição.

---

\* Professora do Departamento de Ciência Política da UFSCar. E-mail: lidianesrgues@gmail.com.

Difícil não compreendê-las como polos estruturantes que ataçam os marxistas a se localizarem e se forjarem uns contra os outros.

A crônica já foi repetida à exaustão. José Arthur Giannotti voltou de seu curto estágio de formação na França em 1958 e chamou seus amigos para ler *O capital*, seguindo a cartilha da leitura estrutural/filosófica do texto, estribada nas lições de Martial Gueroult: o fundamental é a “estrutura do sistema filosófico”. Desse modo, Giannotti pôs as competências disciplinares e linguísticas dos professores e alunos que conseguiu reunir a serviço de causa digna (havia no grupo historiador, sociólogo, filósofo, crítico literário, economista). Alguns iam apenas com vontade de ler, outros levavam também seu alemão, seu francês, seu inglês, seu espanhol – entre outros recursos e interesses.

O método de leitura proposto supunha enfrentar linha a linha o texto original. A prática estabelecia, desse modo, uma assimetria entre o grupo de Giannotti e os “militantes de partido”: enquanto o militante era um fiel repetidor de fórmulas prontas vindas da Terceira Internacional, leitor superficial de textos menores e fáceis, vertidos do russo e do alemão para o espanhol e o francês, e posteriormente para o português em edições e coletâneas de divulgação, os seminaristas liam a grande obra de Marx no original, ou com tradução direta dele, sem partidos ou comentadores intermediários, de ponta a ponta, com auxílio de *expertises* disciplinares, linguísticas, e flexibilizavam conceitos, modulando-os para torná-los operacionais na análise do que então se chamava “realidade brasileira”. Não bastasse a distância da vida partidária, ambicionavam rivalizar com outras teorias em suas disciplinas, provando que a dialética e o materialismo histórico eram superiores a elas. Eis o mote dos depoimentos: a forma como cada seminarista se empenhou nesse projeto, a um só tempo coletivo e autoral.

Durante os seis anos (1958-1964) em que os professores e alunos da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo se reuniam, eles encorajaram a multiplicação desses círculos de leitura. Uma espiada na história deles deixa evidente a força determinante da composição sociológica (idade, sexo, origem geográfica e de classe) e disciplinar (ausência ou presença de filosofia, notadamente) no conteúdo e nos usos das leituras. No conjunto dos depoimentos, encontram-se dois desses grupos, mas houve outros. E, como a prática em questão não se realiza com um amontoado de indivíduos atomizados, aos poucos as trocas de ideias, sentimentos, favores, intrigas e amores foi configurando *grupos*, em sentido sociológico. Como os depoimentos evidenciam, aliás, *o liame de grupo se torna mais explícito justamente quando os seminaristas discordam*. Exemplo? O leitor atual de Marx procura a relação do autor com clivagens de gênero e com a pauta ecológica. É preciso muito trabalho e paciência pedagógica para convencê-lo da pertinência a respeito da “antropologia fundante” no marxismo – questão a respeito da qual todo seminarista tinha a obrigação (imposta pelo simples fato de ser seminarista) de tomar uma posição.

As reviravoltas da vida política (ditadura militar, tortura, exílios, redemocratização) e os rearranjos dos espaços sociais (universidade, luta armada, revistas, sindicatos, partidos) embaralharam ciência e política. Embora orgulhosos de sua purificação do Estado e da política partidária nos anos em que liam Marx, um deles se tornou presidente (Fernando Henrique Cardoso), outro, um defensor fervoroso de seu governo (Giannotti). Ironias da história: tornaram-se igualmente portadores daquela fidelidade canina e repetidora de fórmulas que tanto estigmatizaram nos militantes.

Em contrapartida, a rotinização (e naturalização) da prática dos grupos de leitura bloqueou o entendimento do cerne da inovação do “Seminário Marx”, isto é, *a forma social da leitura coletiva*. Ocorre que a forma da leitura e os modos de ler qualquer autor sempre se encontram imbricados de forma incontornável. A relativa homogeneidade de princípios de trabalho constituída por meio dessa prática e a capilaridade assumida pelas obras oriundas do núcleo duro do seminário resultam precisamente dessa *forma*. Os móveis da colaboração e da competição interna e externas a eles, com os pares de suas disciplinas, estão explicitados em casos, piadas e toda sorte de “trivialidades” que os depoimentos ofertam ao pesquisador.

Os conceitos, os métodos, as discussões foram sendo incorporados às disciplinas em que os seminaristas atuavam, variando segundo a permeabilidade delas às inovações em geral e ao marxismo em particular (ou seja, de acordo com temas, etapa de profissionalização, perfil de competição e de negociações bibliográficas). A tradução da ideia de “sistema filosófico” para “sistema literário” pode parecer evidente no trânsito entre crítica literária (Roberto Schwarz) e filosofia (Giannotti). Mas, em outro nível, a crise do antigo sistema colonial (ideia-chave da obra do historiador seminarista Fernando Novais) e do sistema escravista como determinante para a compreensão da forma romance em Machado de Assis (formulado por Schwarz) é menos clara. E atesta-o que a enxurrada de trabalhos sobre esses autores os tratem de modo atomizado e não se perceba essa e outras trocas. Em geral, essas pesquisas atinam bem pouco para intercâmbios que não sejam aqueles que os próprios seminaristas nos induzem a observar. É sofrível, mas se compreende. Dificilmente um jovem marxista que decida “estudar o grupo do seminário” não ambicione ser herdeiro e gestor autorizado da longevidade simbólica dele. Afinal, esse grupo esteve na gênese da introdução de Karl Marx entre os “clássicos obrigatórios” de nossas ciências humanas e conferiu legitimidade a um autor até então ignorado como “autor” propriamente dito (diferentemente dos tempos atuais, Marx sequer estigmatizado era). Para além dos mais moços, também não há marxista brasileiro que não se sinta instado a ajuizar os feitos do grupo: indício irretocável de que a experiência está no centro do marxismo à brasileira. As tensões indicadas – diversificação x pureza; acadêmicos x militantes – atravessam de ponta a ponta tanto o seminário quanto seus diligentes gestores simbólicos ou irritadiços rivais, espalhados pelo campo político e também pelo campo científico. É sempre válido voltar a experiências tão decisivas.